

REFLEXÕES SOBRE UMA OFICINA VIRTUAL SOBRE A HISTÓRIA E SILENCIAMENTO DA EPIDEMIA DE HIV/AIDS NO BRASIL

REFLECTIONS ABOUT A VIRTUAL WORKSHOP ON THE HISTORY AND SILENCING OF THE HIV / AIDS EPIDEMIC IN BRAZIL

REFLEXIONES DE UN TALLER VIRTUAL SOBRE LA HISTORIA Y EL SILENCIAMIENTO DE LA EPIDEMIA DE VIH / SIDA EN BRASIL

Ítalo Rocha Freitas¹; Nina Garcia de Almeida Prado²; Larissa de Miguel Labat³; Danilo Santos de Oliveira⁴; Marina Ventura Alves de Souza⁵; Mariana Ungaro Bardella⁶; Rafael Vitame Kauano⁷

Resumo

Este relato descreve uma oficina virtual problematizando, através de uma ótica não cientificista, o atual silenciamento e opressões associadas à epidemia de HIV/AIDS no Brasil. A oficina foi mediada por licenciandes em Ciências Biológicas em um projeto de estágio supervisionado e fora estruturada em dois encontros síncronos e assíncronos. No primeiro encontro, foi construída uma nuvem de palavras e houve exibição de um videoclipe sobre a temática. Durante a semana intermediária, um conjunto de documentos históricos e trechos de documentário foram postados para discussões nos comentários. Por fim, estes materiais foram retomados para embasar a discussão final. Destaca-se como ponto positivo a troca de experiências e conhecimentos entre as pessoas participantes e educadoras o que consolidou a oficina como espaço de diálogo, aproximando-a das proposições da pedagogia Freiriana.

Palavras-chave: Paulo Freire, Três momentos pedagógicos, cientificismo, sexualidade, ação dialógica.

Abstract

This report describes a virtual workshop problematizing, through a non-scientism perspective, the current silencing and oppression associated with the HIV / AIDS epidemic in Brazil. The workshop was mediated by graduates in Biological Sciences in a supervised internship project and was structured in two synchronous and asynchronous meetings. At the first meeting, a word cloud was built and a video clip about the theme was shown. During the middle week, a set of historical documents and documentary excerpts were posted for discussion in the comments. Finally, these materials were taken up to support the final discussion. The exchange of experiences and knowledge between participants and educators stands out as a positive point, which consolidated the workshop as a space for dialogue, bringing it closer to the proposals of Freirian pedagogy.

Keywords: Paulo Freire, Three pedagogical moments, scientism, sexuality, dialogical action.

¹ Graduando em Ciências Biológicas - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP - Brasil.

E-mail: italo.freitas@usp.br

² Graduanda em Ciências Biológicas - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP - Brasil.

E-mail: nina.prado@usp.br

³ Graduação em Ciências Biológicas - Universidade de São Paulo (USP). **E-mail:** larissa.labat@usp.br

⁴ Bacharel e licenciado em Ciências Biológicas. Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP - Brasil.

E-mail: daniilphox@usp.br

⁵ Bacharelado e Licenciatura em Biociências - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP - Brasil.

E-mail: marinavasouza7@gmail.com

⁶ Bacharelado e Licenciatura em Ciências Biológicas (em andamento). Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP - Brasil. **E-mail:** mariana.bardella@usp.br

⁷ Doutor em Ensino de Ciências - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP - Brasil. Educador do curso semipresencial de Licenciatura em Ciências - Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP - Brasil.

E-mail: rafa.kawanobio@gmail.com



Resumen

Este informe describe un taller virtual que problematiza, lo usamos desde una perspectiva no científicista, el actual silenciamiento y opresión asociados con la epidemia del VIH / SIDA en Brasil. El taller fue mediado por licenciados en Ciencias Biológicas en un proyecto de prácticas supervisadas y se estructuró en dos encuentros sincrónicos y asincrónicos. En la primera reunión, se construyó una nube de palabras y se mostró un videoclip sobre el tema. Durante la semana intermedia, se publicaron una serie de documentos históricos y extractos de documentales para su discusión en los comentarios. Finalmente, estos materiales se utilizaron para apoyar la discusión final. Se destaca como un punto positivo el intercambio de experiencias y conocimientos entre participantes y educadores, que consolidó el taller como un espacio de diálogo, acercándolo a las propuestas de la pedagogía freiriana.

Palabras clave: Paulo Freire, Tres momentos pedagógicos, científicismo, sexualidad, acción dialógica.

Silêncio = morte

Silence = death

*Act Up: Avram Finkelstein, Brian Howard, Oliver Johnston,
Charles Krelloff, Chris Lione e Jorge Soccarás, 1985*

1 Introdução

Quando os dois primeiros casos de AIDS foram documentados nos Estados Unidos, na década de 1980, Gottlieb e colaboradores (1981) afirmaram que o fato de esta doença ter sido observada pela primeira vez em homens homossexuais não era uma coincidência. No Brasil, em 1983, o jornal Notícias Populares estampava a manchete “Peste-Gay já apavora São Paulo” e, no mesmo ano, foram definidos como grupos de risco os homossexuais, pessoas usuárias de drogas injetáveis e es profissionais do sexo. A emergência da doença causada pelo vírus HIV pareceu, de fato, levantar um desafio concreto de dimensões históricas para a realidade da época. Não era apenas a ciência que foi contraposta a enigmática doença, mas, também, uma sociedade que estava por um lado vivendo a euforia da revolução sexual (submetida a uma inesperada infecção sexualmente transmissível que imporia debates sobre hábitos sexuais) e por outro sexista, moralista e punitivista que carregava enorme estigma sobre as pessoas apontadas como mais vulneráveis à nova doença. Neste ambiente tensionado entre ciência e sociedade(s), os casos de AIDS não paravam de crescer, inclusive aqueles entre os demais grupos da população.

No entanto, o necessário levante de movimentos sociais representativos e progressistas que durante décadas foram protagonistas em diálogos intersetoriais entre sociedade, cientistas e a administração pública (VILLARDI, 2018), campanhas de prevenção e construção de redes de apoio às pessoas convivendo com HIV, institucionalização do tratamento universal e gratuito da AIDS pelo SUS e constantes debates sobre a disponibilização de medicamentos, incluindo a quebra de patente pelo governo Lula da droga Efavirenz (que compõe o tratamento) em 2007, não foram suficientes para a superação da realidade histórica da epidemia de AIDS no Brasil, ainda edificada pelas desigualdades e opressões oriundas de uma herança colonial, escravagista e patriarcal. Ademais, a política do medo e constrangimento é instaurada como parte crucial da



agenda governamental de prevenção à AIDS e da sua negligência estratégica, reveladora de uma necropolítica histórica de Estado direcionada aos grupos-chave mais vulneráveis dimensionados por suas questões de gênero e sexualidades dissidentes interseccionadas à raça e classe. Ora, não poderia ter como outro resultado a perpetuação do estigma referente aos grupos que ainda são os mais vulneráveis à infecção por HIV e o silenciamento da epidemia. Cazeiro e colaboradores (2020) relatam em sua pesquisa o aumento da incidência de novos casos de HIV entre extratos sociais oprimidos, a mortalidade 20% maior entre a população negra por AIDS e a população trans e homossexual figurando no topo da lista de incidência de novos casos; o Índice de Estigma (UNAIDS, 2019) em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS no Brasil de 2019 revela que 27,7% dos respondentes (soropositivos) se autodeclararam negros e 37,7% pardos e segundo o boletim epidemiológico de AIDS de 2019, 60% das pessoas que morreram de AIDS em 2018 eram negras.

Diante da problemática apresentada, assumimos o compromisso com uma visão de educação em ciências que tem como pressupostos a denúncia destas situações, a elucidação do papel social na regulação dos processos científicos e tecnológicos, bem como a proposição de debates direcionadores de mudança através de um ótica não comportamentalista e médico-biológica que costumam reduzir debates sobre educação sexual, sexualidade e suas correlações com gênero (LOURO, 2001), seja nas escolas ou na diversidade de espaços de comunicação e educação. Rosário e Portugal (2018), ao colocarem a epidemia da AIDS como um fenômeno social que supera a relação doença – vírus, sugerem pressupostos da educação popular como proposta de superação de olhares reduzidos que acabam por omitir a dimensão social e cultural da saúde e sexualidade.

Para o marxismo e correntes críticas que deste se desdobram, dentre elas a educação popular, o ser humano é caracterizado por sua capacidade de reflexão e ação sobre determinada realidade tanto no aspecto material, quanto no conceitual, ou seja, é caracterizado como um ser de práxis. É a partir dessa influência que Paulo Freire (2011) define o conceito de situações-limites como dimensões desafiadoras, concretas e históricas de uma determinada realidade, carentes da necessidade de negação e superação (COSTA; FURTADO, 2015).

A ciência, vista como integrante do processo histórico e social que molda o entendimento contemporâneo do fenômeno HIV/AIDS, pode ser grande aliada na superação de situações-limite como o próprio silenciamento de múltiplas dimensões desta epidemia. Costa e colaboradores (2010) destacam justamente a importância de modelos de produção científica que considerem uma maior participação pública, uma sociedade democrática que esteja envolvida na tomada de decisões relacionadas a questões da ciência e tecnologia, aqui voltamos a pensar nos grupos progressistas que lutaram e lutam contra brados moralistas e a inépcia de governos no desenrolar da história de tal epidemia. A construção de uma relação mais próxima e conectada com diversas realidades entre cientistas e a sociedade pode ser mais viável com o ensino de ciências imerso em uma visão mais humanística, associada a uma perspectiva educacional de Paulo Freire (SANTOS, 2002). A teoria da ação dialógica de Freire (2011)



apresenta a importância da transformação de uma pessoa por meio de sua interação e comunhão em uma relação dialética onde um não anula o outro, mas um se transforma no outro (SANTOS, 2002).

A oficina [nome omitido] tem, então, como objetivos debater estigmas ligados ao HIV e à AIDS, realizar um resgate histórico da epidemia e lutas sociais a ela relacionadas pontuando aspectos que integram Ciência, Tecnologia e Sociedade, discutir como diferentes marcadores sociais interagem com o HIV e a AIDS e, por fim, problematizar o atual projeto de silenciamento da epidemia no Brasil. O objetivo deste relato é apresentar a experiência de construção da oficina ao longo da disciplina Metodologia do Ensino de Ciências II, oferecida pela [instituição omitida] como parte da grade obrigatória da licenciatura em ciências biológicas, que como solução para realização dos estágios durante o contexto de pandemia criou o projeto de oficinas virtuais [nome omitido], do qual esta oficina fez parte.

2 Procedimentos metodológicos

Segundo Freire (2011), fornecer espaço para a reflexão por meio do diálogo é o que transforma a educação bancária, hierarquizada e opressora em libertadora, na medida em que problematiza questões da realidade das pessoas educandas e promove o reconhecimento do inacabamento e da incompletude dessas pessoas, e de pessoas educadoras, diante da natureza e da sociedade opressora. O diálogo surge para transformar o “comunicar” em “comunicar-se”, e aproxima e nivela os interlocutores por meio do respeito à vida cotidiana, contexto, universo simbólico e conhecimentos da outra pessoa (GERMANO; KULESZA, 2007). Assim, a práxis pedagógica pode ser definida como a utilização da reflexão (flexibilidade) e do diálogo como ferramentas de interpretação política, filosófica e sociológica do mundo, visando intervir, mediado por uma matriz de conhecimentos, para transformá-lo (da SILVA et al., 2020). Portanto, assumimos a metodologia dos três momentos pedagógicos propostos em Delizoicov, Angotti e Pernambuco (2002) que incorpora em sua estruturação pressupostos da dialogicidade Freiriana em três momentos distintos que serão apresentados a seguir.

2.1 Primeiro Momento Pedagógico: problematização inicial

Em análise de Silva e colaboradores (2020), os três momentos pedagógicos (MP) se amparam no princípio da flexibilidade, que se divide em três níveis, e dialogicidade. O primeiro MP pode ser definido como a problematização inicial da ação didática, onde surge o tema gerador e a motivação por trás da atividade, e a tentativa de relacionar a prática pessoal com a social. É também onde os princípios de colaboração e união de Freire se fazem presentes (SILVA et al., 2020). No encontro síncrono inicial da oficina, por meio da plataforma Google Meet, montamos uma nuvem de palavras por meio do Mentimeter com as respostas dos participantes para a pergunta: “Qual a primeira coisa que vem na sua cabeça quando você pensa em HIV?”. Além disso, transmitimos um vídeo da música “Love me like there’s no tomorrow”, de Freddie Mercury, que retrata a vida de duas pessoas em um relacionamento, onde uma delas



é soropositiva. O clipe aborda alguns aspectos biológicos celulares, de transmissão e tratamento, e também sociais, como estigmas sofridos por pessoas soropositivas e reações diante do diagnóstico. Utilizando a nuvem de palavras e o vídeo como problematizadores, separamos algumas perguntas relacionadas aos temas do segundo MP para fomentar a discussão, como “Qual a diferença entre HIV e AIDS?”, “Como foi a reação dos outros personagens ao personagem soropositivo?”, “Existem grupos mais propensos a contrair o HIV?”, “O que vocês conhecem como formas de prevenção e tratamentos?”, “O que mudou desde a descoberta da AIDS?”. Com estas atividades, pretendíamos revisitar concepções prévias sobre o HIV/AIDS, relacionar diferentes vivências e motivar os participantes por meio da discussão a transformar e adicionar novos conhecimentos.

2.2 Segundo momento pedagógico: organização do conhecimento

O segundo MP utiliza a interação recíproca entre o conhecimento científico e o conhecimento pessoal para reflexão sobre os temas abordados (SILVA et al., 2020) que serão decodificados em unidades de conteúdo. Este momento aconteceu após o primeiro encontro síncrono. Assim, separamos alguns textos como o apresentado a seguir que relata a história de Brenda Lee, ativista travesti que abriu a primeira casa de acolhimento para travestis soropositivas no Brasil, numa época de enorme violência urbana e descaso governamental para com esse grupo, também vulnerável ao HIV.

“Palácio das Princesas Brenda Lee

Brenda Lee foi uma ativista que criou a primeira casa de acolhimento de pessoas com HIV ou AIDS no Brasil e na América Latina. Em 1984 fez uma pensão no bairro do Bixiga, em São Paulo, onde outras travestis, como ela própria, eram bem-vindas, ao contrário do que acontecia na maior parte do mercado. Pouco tempo depois, a pensão virou uma casa de apoio, que tinha o objetivo de acolher travestis expulsas das suas famílias e de lhes oferecer, além de abrigo e alimentação, o carinho e afeto familiar perdidos.

Simultaneamente à violência na década de 80, com uma série de assassinatos de travestis feita pela polícia na cidade de São Paulo, a AIDS chegou como doença misteriosa e os gays e as travestis foram as primeiras vítimas conhecidas, o que aumentou ainda mais o estigma desse grupo. Sem programa de fornecimento de remédios nem programa de apoio por parte do Estado, a Brenda começou a acolher amigas e outras pessoas doentes que precisavam de ajuda.

A Casa de Apoio Palácio das Princesas tornou-se tão importante que chegou a trabalhar em parceria com o Hospital Emílio Ribas e, em 1988, fez um convênio com a Secretaria de Estado de Saúde de São Paulo para acolhimento e cuidado de pessoas soropositivas.



DOI: <http://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.437>

Brenda Lee foi assassinada em 1996. Seu nome hoje é o nome do prêmio da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo para melhores iniciativas de combate a HIV e AIDS no âmbito nacional.”

Adaptado de Gisela Mampel,
Projeto: lugares de memórias LGBT de São Paulo
Laboratório para Outros Urbanismos – FAU-USP

Também, apresentamos imagens como o cartaz “lambe-lambe” (Figura, 1) feito pelo GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção a AIDS) em 1985 considerado a primeira intervenção da sociedade organizada para a prevenção da infecção por HIV no Brasil e trechos do documentário “Carta para Além dos Muros” (este documentário é composto por uma diversidade de vozes, destacando suas sexualidades dissidentes e visões não estigmatizadas na representação de gênero dentro desta questão de saúde) para serem compartilhados, junto aos textos, com os participantes por meio de um grupo fechado no Facebook, com o intuito de relacionar os conhecimentos pessoais com os trazidos pelos materiais e discutir pontos julgados importantes ou interessantes com as pessoas participantes nos comentários das publicações. Os materiais foram divididos por temas e cada tema foi postado em um dia da semana entre a primeira e a segunda parte síncronas da oficina, sendo distribuídos da seguinte forma: Dia 1: “como tudo começou”, Dia 2: “articulação dos movimentos sociais”, Dia 3: “entre o pânico e a informação”, Dia 4: “prevenção, tratamentos e preconceitos”, Dia 5: “o HIV tem uma cara?”, Dia 6: “exclusão e silenciamento”.

Figura 1: Cartaz de 1985 feito por Darci Penteadado para GAPA (Grupo de Apoio à Prevenção à AIDS)



Fonte: GAPA- SP



Com isto, pretendemos abordar como a epidemia começou e quais foram as reações iniciais e em seguida comentar sobre os estigmas ligados ao HIV que afetaram e ainda afetam a epidemia, ressaltando algumas pessoas e coletivos que conquistaram vitórias nos campos da saúde e opinião pública. Em seguida, entrar em contato com dados atuais sobre a epidemia, entender como os grupos sociais afetados por ela mudaram ao longo do tempo, e como isso se relaciona com o imperioso (e institucionalizado) silenciamento em curso.

2.3 Terceiro Momento Pedagógico: aplicação do conhecimento.

Para o segundo momento síncrono da oficina, pedimos as pessoas participantes que escolhessem algum material publicado no grupo do Facebook ao longo da semana, e levantassem uma discussão, caso se sentissem confortáveis, ou compartilhassem ideias, sentimentos ou conhecimentos despertados pelos materiais. Em seguida, utilizando um link compartilhado no programa de acesso livre Canva, propusemos montar em conjunto um post para uma rede social, relacionando os textos e discussões trazidas com o silenciamento, tema central da oficina. Desta maneira, estruturamos o terceiro MP, retomando a problematização e buscando modificar ou ressignificar as práticas dos sujeitos por meio da aplicação do conhecimento adquirido ao longo da oficina, além de promover um espaço para o nascimento de um novo saber, característica da síntese freiriana (SILVA et al., 2020).

3. Resultados

A oficina que fora divulgada através de redes sociais, site da [instituição omitida] e e-mail encaminhado pelas educadoras do programa de estágios da mesma instituição teve uma totalidade de 23 inscrites, a maioria residente da cidade de São Paulo, com uma faixa etária bem distribuída entre 16 e 54 anos e ocupações diversas como estudantes, psicólogos, professores, atendentes, gerente e enfermeiro.

O primeiro momento ocorreu de forma síncrona por meio da plataforma Google Meet com uma participação de onze pessoas e duração de uma hora. Após a apresentação dos mediadores e dos participantes, foi apresentada a proposta de criar uma nuvem de palavras (figura 2) a partir das respostas da seguinte pergunta: "Qual a primeira coisa que vem na sua cabeça quando você pensa em HIV?". Entre as palavras presentes na nuvem, a palavra preconceito foi a mais mencionada, seguida por AIDS, vida, doença, camisinha. Foram mencionadas em menor quantidade as palavras tabu, recomeço, desigualdade, IST, prevenção, PREP, educação, anos 80, movimento social, e epidemia. A discussão dos resultados foi iniciada desta forma pelos mediadores a partir destas das palavras mencionadas e suas inter-relações. Posteriormente, foi feita a apresentação da animação da música "Love me like there's no tomorrow", de Freddie Mercury o que gerou uma participação ativa na discussão sobre o tema.



Figura 2: nuvem de palavras feita pelos participantes da oficina.

Fonte: nossa

A discussão iniciada após a exibição do vídeo envolveu diversos tópicos pertinentes e esperados pelos mediadores, como a relação entre discriminação e exclusão social sofrida por pessoas soropositivas com a baixa adesão aos tratamentos para o HIV. O silenciamento em torno da epidemia também foi um destaque das principais falas, apresentando críticas aos programas governamentais pela sua ineficácia ao focar apenas na prevenção e sequer abordar questões mais humanas, como desigualdade e preconceitos relacionados às populações mais vulneráveis, fomentando o medo e conseqüentemente o aumento dos índices de HIV nas populações mais jovens. Nota-se nas falas de dois participantes mais ativos um repertório e experiência pessoal, especialmente pela participação em outros espaços de discussões sobre questões que envolvem HIV/AIDS, sexualidades e gênero.

Considerando os propósitos do primeiro momento pedagógico como a problematização inicial da ação didática e a relação entre a prática pessoal com a social, as falas de algumas pessoas participantes trouxeram praticamente todos os principais pontos que eram esperados, inclusive com relatos e experiências pessoais acerca do tema. Foram discutidos conhecimentos sobre uso de expressões mais adequadas, como grupos-chave invés de grupos de risco para fugir de representações estigmatizantes das populações vulneráveis, além de exemplos de ações governamentais que incitam o medo e o preconceito, como estão centradas as últimas campanhas de prevenção ao HIV e outras ISTs. Por fim, a desigualdade de acesso a tratamentos e efeitos da epidemia nos grupos -chave foi mencionada como algo importante a ser trazido para discussões como essa, o que foi de agrado pelos mediadores, já que o conteúdo seria abordado com mais ênfase no decorrer da oficina.

Ao final do primeiro momento, destacou-se a importância do grupo no Facebook que foi criado para a divulgação de materiais selecionados pelos mediadores com o intuito de

fomentar discussões e debates no segundo momento e que dessa forma pudessem colaborar com os conhecimentos para o terceiro encontro. Todos os materiais foram divididos e divulgados de acordo com a temática de cada dia, como já mencionado anteriormente no tópico de Organização Metodológica da Oficina.

Assim como no primeiro momento, a participação por meio de curtidas e comentários foi considerada baixa pelo número total de inscritos na oficina. Entretanto, os comentários nas postagens dos materiais foram feitos de forma crítica e aprofundada, trazendo opiniões pessoais sobre as temáticas, mas também informações sobre a atuação de movimentos, inclusive durante o período de pandemia da COVID-19, como a Rede Nacional de Pessoas vivendo com HIV/AIDS (RNP+), Rede Nacional de Adolescentes e Jovens vivendo com HIV/AIDS (RNAJVHA), Movimento Nacional de Cidadãs Posithivas (MNCP), e a Rede Nacional de mulheres travestis, transexuais e homens trans vivendo com HIV/AIDS (RNTTHP). Ademais, algumas das pessoas participantes trouxeram diversos materiais ligados à temática do dia. A divisão dos temas por postagem diárias durante seis dias permitiu uma divulgação de materiais com conteúdos aprofundados e específicos sobre cada temática, como também gerou uma organização para que cada participante pudesse acessar os materiais de acordo com sua escolha a qualquer momento.

Após seis dias do primeiro encontro síncrono e a divulgação diária dos materiais no segundo momento, o terceiro momento ocorreu também de forma síncrona, com uma participação de 6 pessoas e duração de uma hora e dezoito minutos.

Inicialmente, enquanto as pessoas chegavam ao encontro, es participantes foram orientades a revisarem brevemente as postagens no grupo do Facebook e escolherem alguns pontos que mais lhe chamaram a atenção dos materiais compartilhados. A primeira fala trouxe destaque a postagem “Dia 6: exclusão e silenciamento” e pontuou questões como a desigualdade no acesso ao tratamento e como isso impacta diretamente os dados estatísticos apresentados pelos boletins epidemiológicos de HIV/AIDS. A partir deste tópico, uma participante menciona o silenciamento e aumento de casos de HIV na terceira idade, além da ausência de educação sexual voltada para esse público, o que pode denunciar a omissão de debates desmitificadores do sexo em pessoas idosas, e a importância de campanhas segmentadas para atingir diferentes perfis.

Retomando muitos tópicos trazidos no primeiro encontro, es participantes levantaram muitas críticas pertinentes às políticas de Estado e ineficácia das campanhas de prevenção, especialmente por estas serem completamente voltadas à promoção do medo. Os exemplos mencionados são os usos de terminologias e palavras de sentido bélico, como combate e guerra, por exemplo. Considerando isso como um problema que requer atenção, o UNAIDS disponibiliza em seu site o “Guia de Terminologias do UNAIDS” que apresenta os termos mais frequentemente utilizados e lista os termos que devem ser evitados e por quais podem ser substituídos.



O artigo “Necropolítica no campo do HIV: Algumas reflexões a partir do estigma da AIDS” de Cazeiro e colaboradores (2020), foi um importante ponto de partida para muitas discussões levantadas, como também para proporcionar relações com diversos assuntos discutidos ao longo da oficina. Entre os principais pontos destacados, houve menções a constante marginalização dos grupos-chave e sobre como a forma com que o Estado lida com essa epidemia está intimamente relacionada a uma estrutura sistêmica, tornando um problema coletivo e social em algo de responsabilidade individual ao introjetar a culpa no indivíduo, e portador do vírus, e assim se tornar omissos nas políticas públicas e tratativas do tema. Em resumo, o artigo sintetiza com a ideia de que o Estado escolhe quem deve viver e quem deve morrer ao limitar o acesso e adesão aos diagnósticos e tratamentos.

A conclusão após as discussões evidencia como os discursos de combate ao vírus se direcionam aos portadores de HIV e assim contribuem com a culpabilização do indivíduo e sua exclusão social, minando quaisquer chances de lidar com a questão de forma mais humanitária e eficiente. Os participantes da oficina conseguiram mobilizar as discussões levantadas no primeiro encontro síncrono e os conhecimentos adquiridos ao longo dos dias por meio das postagens no grupo do Facebook, além de contribuírem com suas experiências pessoais em torno da temática. Entretanto, a criação de post para uma rede social, relacionando os textos e discussões trazidas com o silenciamento, tema central da oficina, não ocorreu como foi planejado pelos mediadores devido à falta de tempo e pela escolha de não interrupção da dinâmica fluida de discussão que se estabeleceu entre os participantes nos momentos finais da oficina.

3 Considerações finais

Consideramos a experiência da oficina positiva, tanto para os participantes como para os educadores-educandos em formação. Os participantes se engajaram com as discussões síncronas, que ocorreram de maneira fluida, respeitosa e aprofundada, especialmente no último dia. Foi notável como a participação de diferentes pessoas no diálogo cresceu do primeiro para o segundo encontro, provavelmente porque a maior familiaridade entre educadores e participantes, bem como a maior bagagem de discussão compartilhada após a conversa inicial e a semana de análise de materiais, criou um espaço mais confortável e fértil para o desenvolvimento da discussão. Consideramos, portanto, que a estrutura da oficina foi bastante acertada, por permitir um momento inicial de contato, um período de aproximação e formação de um sentimento de grupo, por fim um novo encontro em que esse processo culminou em uma discussão mais proveitosa.

Um dos aspectos mais marcantes dessa discussão foi sua grande horizontalidade, em que os participantes trouxeram dados, opiniões e vivências para a conversa, construindo uma troca efetiva e afetiva entre todos presentes, independentemente de quem estava mediando a oficina. Aqui podemos afirmar que pressupostos da ação dialógica proposta por Freire (2011) foram postos em prática e vivenciados por todos.



Ponderamos que não conseguimos ter um grande alcance de público, apesar de instituições como o Museu da Diversidade Sexual e o programa [nome omitido] terem colaborado com a divulgação. Todas as pessoas que compareceram aos encontros já tinham algum tipo de bagagem mais crítica a respeito do HIV, em especial as pessoas soropositivas, mas também no caso de pessoas participantes que já trabalham ou discutem essa questão em outros espaços. Nossa intenção era trazer um público um pouco mais diverso para a discussão, permitindo que pessoas que nunca tivessem parado para refletir mais criticamente sobre o HIV/AIDS pudessem entrar em contato com outras que trouxessem vivências diferentes e com os materiais que selecionamos.

Mesmo dentro de um público cujas opiniões eram mais alinhadas que divergentes, ficou claro na oficina como o diálogo com percepções não-acadêmicas é essencial para trabalhar este tema que se molda enquanto uma situação-limite. Esta experiência corrobora com um dos sentidos do ensino de biologia levantados por Cassiani e Marin (2020), o qual se refere a uma educação em ciências que busca a partir de vozes dissidentes (neste caso de pessoas LGBTQIA+ participantes da oficina) promover noções de cidadania ampla, não higienizada e alinhada as demandas sociais da América Latina e Brasil.

Não fomos nós, pessoas mediadoras, estudantes da [instituição omitida], com uma bagagem científica sobre o tema, que de fato trouxemos os elementos mais impactantes da discussão, e sim as próprias pessoas que vivem com HIV, cuja vivência pessoal e política foi essencial para expandirmos nossa forma de compreender a questão. Sobre esta questão, Lima e Siqueira (2013), ao refletirem sobre as relações de gênero e sexualidade nas relações entre professorias de ciências e alunes colocam que é importante que exista a articulação entre o conteúdo canônico científico com questões que dialogam com as experiências cotidianas de alunes, em abordagens centradas em estudantes e não na ciência.

A ciência, assim, não pode ser colocada como o gabarito ou guia do aprendizado, e sim como um de seus agentes, em igualdade de peso perante outras tantas formas de conhecer, e agir. No caso da biologia, é também muito importante articular conhecimentos acadêmicos de outras áreas, como ficou muito claro em nossa oficina, na qual utilizamos principalmente referências históricas, sociológicas e epidemiológicas (por um olhar transdisciplinar), mais proeminentemente que as médicas e biológicas, para evitar cair em uma abordagem cientificista e desconexa da realidade social que permeia qualquer conteúdo de biologia que é inevitavelmente conectado a discussões de gênero e sexualidade.

Por fim, é indispensável que o conhecimento não-acadêmico seja mobilizado em contextos de educação científica, pois o conteúdo científico só adquire relevância ao ser contextualizado e articulado com as diversas visões de mundo das pessoas envolvidas, sobre isto Santos (2011, p. 121) coloca a partir de sua leitura de Freire que “ocorre que para Paulo Freire a relação com situações de vivência do aluno tem uma conotação epistemológica muito mais forte no sentido de se relacionar ao verdadeiro sentido do conhecimento como ferramenta



cultural para transformação do mundo”. Neste sentido, a relação dos conteúdos universais com as realidades particulares é também de grande importância: em nossa oficina, pudemos olhar para nossa conceitualização teórica por novas perspectivas a partir da fala de pessoas que conviviam com espaços sociais distintos do nosso, como por exemplo a professora de escola básica da periferia de São Paulo e o participante que vive com HIV em uma cidade pequena, participante de movimentos sociais ligados a essa questão. É dessa interface entre ciência e outras formas de saber, vivências pessoais, políticas, particulares e gerais, que nasce o conhecimento verdadeiramente libertário.

Referências

ARENNGHI, Luis Eduardo Birello; CARVALHO, Lizete Maria Orquiza de. O desafio de se ensinar Modelos Atômicos a partir do tema agrotóxico: possibilidades de formação problematizadora. **Revista de la Facultad de Ciencia y Tecnologia**, Bogotá, p. 30-35, 2014.

BRASIL Ministério da Saúde. **Boletim Epidemiológico de HIV/AIDS 2019**. 2019. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/ptbr/pub/2019/boletim-epidemiologico-de-hiv-aids-2019> Acesso em: 27/10/20.

CASSIANI, Suzani; MARIN, Yonier Orozco. Outras respostas para uma velha pergunta: por que e para que ensinar biologia? **Revista Perspectivas Educativas**, Tolima, v. 10, n. 1, 2020.

CAZEIRO, Felipe; SILVA, Geórgia Sibebe Nogueira; SOUZA, Emilly Mel Fernandes de. Necropolítica no campo do HIV: algumas reflexões a partir do estigma da AIDS. **Ciência Saúde Coletiva [periódico na internet]**, 2020. Disponível em : <http://www.cienciaesaudecoletiva.com.br/artigos/necropolitica-no-campo-do-hiv-algumas-reflexoes-a-partir-do-estigma-da-aids/17560?id=17560>

COSTA, Antonio Roberto Faustino da; SOUSA, Cidival Moraes de; MAZOCCO, Fabricio José. Modelos de comunicação pública da ciência: agenda para um debate teórico-prático. **Conexão – Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 9, n. 18, 2010.

COSTA, Clarice Gomes e FURTADO, Eliane Dayse Pontes. Situações limites na pedagogia do oprimido e da esperança: possibilidades para a formação do educador da EJA. In: SEMINÁRIO NACIONAL FORMAÇÃO DE EDUCADORES DE JOVENS E ADULTOS, 5., 2015. Campinas, SP: UNICAMP, 2015.

SILVA, José Pedro Guimarães; LIMA, Maria Socorro Lucena; DA SILVA COSTA, Elisangela André. Os três momentos pedagógicos da ação didática como caminho para a práxis pedagógica. **Linguagens, Educação e Sociedade**, Teresina, n. 44, p. 90-109, 2020.

DELIZOICOV, Demétrio; ANGOTTI, José André; PERNAMBUCO, Marta Maria Castanho Almeida. **Ensino de ciências: fundamentos e métodos**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 364 p.



- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2011, 256p.
- GERMANO, Marcelo Gomes; KULESZA, Wojciech Andrzej. Popularização da ciência: uma revisão conceitual. **Caderno Brasileiro de ensino de Física**, Florianópolis, v. 24, n. 1, p. 7-25, 2007.
- GOTTLIEB, Michael S. et al. Pneumocystis carinii pneumonia and mucosal candidiasis in previously healthy homosexual men: evidence of a new acquired cellular immunodeficiency. **New England Journal of Medicine**, Londres, v. 305, n. 24, p. 1425-1431, 1981.
- LIMA, Ana Cristina; DE SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz. Ensino de gênero e sexualidade: diálogo com a perspectiva de currículo CTS. **Alexandria: Revista de Educação em Ciência e Tecnologia**, Florianópolis, v. 6, n. 3, p. 151-172, 2013.
- LOURO, Guacira. **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- MAMPEL, Gisela. Laboratório de Princesas Brenda Lee. Disponível em: <http://outrosurbanismos.fau.usp.br/lugares-memoria-lgbt-sao-paulo/palacio-das-princesas-brenda-lee/> Acesso em: 08/2020.
- ROSÁRIO, Aline Gusmão.; PORTUGAL, Maria Amelia Lobato. Educação Popular, sexualidades e enfrentamento da epidemia da Aids. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEXUALIDADE; 4., 2016; ENCONTRO INTERNACIONAL DE ESTUDOS DE GÊNERO, 2., 2016. Vitória, 2016.
- SANTOS, Wildson Luiz Pereira. Educação científica humanística em uma perspectiva freireana: resgatando a função do ensino de CTS. **Alexandria: revista de educação em ciência e tecnologia**, Florianópolis, v. 1, n. 1, p. 109-131, 2008.
- PROGRAMA CONJUNTO DAS NAÇÕES UNIDAS SOBRE HIV/AIDS (UNAIDS). Sumário Executivo. **Índice de Estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS – BRASIL**. Disponível em: <https://unaid.org.br/2019/12/estudo-revela-como-o-estigma-e-a-discriminacao-impacta-pessoas-vivendo-com-hiv-e-aids-no-brasil/> Acesso em 27/10/20.
- UNAIDS Brasil. **Sumário executivo - Índice de estigma em relação às pessoas vivendo com HIV/AIDS - Brasil**. 2019.
- VILLARDI, Pedro. Ativismo, políticas públicas e acesso a medicamentos: o uso de oposições a pedidos de patentes por organizações da sociedade civil. **Physis: Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, p 1 - 21, 2018.

Recebido em janeiro de 2021.
Aprovado em abril de 2021.

Revisão gramatical realizada pelos autores

